

A ESCOLA E OS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Maria de Fátima P. Carvalho - UNEB (f13carvalho@hotmail.com)¹
Carmem Lúcia Eiterer – UFMG (eiterer@oi.com.br)²

RESUMO

Com o objetivo de evidenciar os sentidos e os significados que a escola assume na vida dos estudantes da educação de jovens e adultos, investigamos os sujeitos de uma escola da rede pública municipal de ensino da cidade de Guanambi/BA. Para a análise dos dados, recorreremos aos pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa. Do ponto de vista técnico-metodológico, utilizamos diário de campo. Nele descrevemos nossas observações sobre as turmas da educação de jovens e adultos na escola, *lócus* da pesquisa. Além disso, realizamos entrevistas semiestruturadas com oito educandos da escola pesquisada. Desse modo, nos foi possível detectar como os alunos dessa modalidade de ensino relacionam a escola com as questões que envolvem seus cotidianos e suas vidas, atribuindo-lhes sentidos e significados. Quanto à literatura referente ao tema em questão, destacamos: Arroyo (2005), Brandão (2002), Dayrell (1996), Freire (1993), Gohn (2010), Haddad (2007), Souza (2012) entre outros. Em suma, percebemos que a escola para os coletivos das classes populares, representa mudança e transformação de vida. Os sujeitos pesquisados consideram a escola, um lugar de construção de conhecimentos, espaço de aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática, de oportunidade para a inserção no mercado de trabalho, de encontro e convivência com os pares e demais componentes da instituição, de construção de boas relações interpessoais, além de proporcionar-lhes diversão e prazer, principalmente, nos momentos festivos organizados por ela. Os resultados desta pesquisa sinaliza ainda, a necessidade de uma organização curricular que contemple as particularidades e especificidades da educação de jovens e adultos.

Palavras - chave: Educação de jovens e adultos. Significados. Sentidos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se um recorte de uma dissertação de mestrado desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais com o título *O diálogo entre cultura escolar e cultura popular na educação de jovens e adultos numa escola de Guanambi (BA)*³. Resulta de uma pesquisa realizada no período de março de 2011 a agosto de 2013 com jovens, adultos e

¹ Professora auxiliar da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII; Coordenadora de área do LAPARAPE, vinculado ao PIBID/UNEB; Membro da Linha de Pesquisa Educação do campo, educação popular e movimentos sociais; Coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino e Guanambi/Ba.

² Professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais; Pesquisadora do Núcleo de estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos.

³Dissertação de mestrado de autoria de Maria de Fátima Pereira Carvalho, sob a orientação da profa. Dra. Carmem Lucia Eiterer, apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais em agosto de 2013.

idosos entre 20 e 71 anos que frequentam a educação de jovens e adultos em uma escola pública municipal da cidade de Guanambi/BA, a qual teve como objetivo investigar que significados os jovens e adultos atribuíam às Noites Culturais⁴; e se essa atividade constitui uma prática educativa na perspectiva da cultura popular.

Tendo em vista o problema de pesquisa proposto, a abordagem desenvolvida perpassou pela perspectiva qualitativa. É de cunho qualitativo, especialmente, devido às características das questões e objetivos que se pretende investigar.

Em relação ao campo de pesquisa, foram escolhidos alunos da escola *Flor do Sertão*⁵, a qual participou de todas as edições da atividade intitulada – *Noite Cultural da EJA*, com o intuito de observar os impactos dessa atividade no processo formativo do sujeito da EJA. Como procedimentos de pesquisa foram feitas observações em turmas da EJA, na escola, *locus* da pesquisa.

Quanto à análise dos dados qualitativos coletados, serão enfocados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Neste artigo, especificamente, pretendemos refletir sobre os sentidos e significados atribuídos à escola pelos estudantes da EJA. Pois durante o processo investigativo desta pesquisa, sentimos a necessidade de maiores reflexões acerca desses indivíduos que ingressam na EJA. Quais são suas expectativas e perspectivas em relação à escola? Que conhecimentos têm a respeito do mundo externo, sobre si mesmos e sobre as outras pessoas? Quiçá, como pontua Reis (2009, p. 73) “não corremos o risco de defini-los por aquilo que não são e, em nome de uma educação igualitária, oferecer-lhes um ensino homogêneo que valorize determinado grupo cultural”.

A ESCOLA E OS ESTUDANTES DA EJA NA FLOR DO SERTÃO

A educação de jovens e adultos, ao longo da história, recebeu diferentes denominações como aponta Jezine (2003): educação permanente, educação não-formal, educação

⁴A Noite Cultural da EJA, criada pela coordenação pedagógica e professores, em 2005, é uma atividade que envolve o campo da educação de jovens e adultos vinculado ao sistema municipal de ensino de Guanambi/BA. Essa atividade caracteriza-se um momento de *sistematização das discussões e reflexões* realizadas em sala de aula, *socialização e partilha* das experiências construídas no decorrer de cada ano letivo.

⁵ Todos os nomes utilizados na pesquisa são fictícios para preservar a identidade tanto da escola, quanto dos sujeitos pesquisados.

comunitária, educação não escolar, educação extraescolar, entre outras, interligadas principalmente, à educação popular. Atualmente, já se reconhece que o campo de atuação da EJA incorpora tanto as perspectivas da educação escolar, como as da educação popular como ocorreu no passado em nosso país. Daí o alargamento do conceito e entendimento acerca da educação destinada à população jovem e adulta. Ao envolver processos formativos diversos, a EJA abrange as mais variadas iniciativas de escolarização, sejam elas formais, informais ou não formais.

Segundo nos informa Gohn (2010), a Educação de jovens e adultos esteve associada à educação não formal, principalmente no que tange à alfabetização de adultos. Ela frisa e registra, inclusive, a Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (UNESCO) utilizou a expressão *educação não formal* para referir-se à educação de adultos (SIRVENTT et al, 2006, *apud* GOHN, 2010, p. 25). Essa autora relaciona a educação não formal com a educação popular, como muitos pesquisadores já o fizeram e assim, se justifica:

A Educação Popular é uma modalidade que até a atualidade, associa-se no imaginário de muitos pesquisadores com a educação não formal. Dado o fato de ela ter também uma intencionalidade, um projeto de formação dos indivíduos, como cidadãos, a educação não formal é vista como sinônimo daquela. Para nós há diferenças dadas, por exemplo, que a educação não formal não tem recorte de faixa social. Ao nominar uma modalidade como Popular, estou fazendo alusão à categoria povo – em sentido genérico ou específico – camadas desfavorecidas socioeconomicamente; ou estou contrapondo um dualismo - haveria uma educação popular e uma das elites ou classes de camadas mais abastadas (GOHN, 2010, p. 25).

Desse modo, a EJA, como modalidade escolar, está inserida nesse contexto, pois grande parte de seus alunos provém dessas camadas desfavorecidas socioeconomicamente, compartilha das ideias da educação popular, ainda que configurada nos moldes da educação formal. Nessa perspectiva, Paiva, Machado e Ireland (2007) advertem:

A educação de jovens e adultos ocorre num cenário de desafios que exigem uma concepção de educação para além da escolarização formal. Ela exige novas fronteiras, pede uma educação baseada na construção do conhecimento, que aponte para a resolução de problemas, para a autoaprendizagem, que insista na reflexão permanente sobre a prática. Uma educação para a vida, porta para a educação permanente (PAIVA; MACHADO; IRELAND, 2007, p.177).

Nessas circunstâncias, inúmeros são os desafios enfrentados pelos educandos. Isso não é novidade para nós, educadores. Na verdade, a escola não dá conta de assumir uma educação na perspectiva de preparar o aluno *para a vida e continuidade dos estudos*. Assim, alguns jovens e adultos destacavam que a inserção nas turmas em que se matricularam, dada a idade

avançada e a preferência pelo estudo no turno noturno, mas, nem sempre foi positiva, pois não conseguiam *sucesso na aprendizagem* (avançar de um estágio para outro) por faltarem às aulas, principalmente, no segundo semestre do ano letivo (período de preparação das terras para o plantio, no caso dos residentes na zona rural, e acúmulo de serviço no caso dos da zona urbana que trabalhavam em churrascaria, por exemplo). Viam a escola como espaço de aprendizagem para resolver os problemas vivenciados no cotidiano da vida. Nas palavras deles, “a gente precisa aprender para a vida, pois é ela quem nos coloca em situação de volta à escola”. Ressaltaram que a EJA deveria ser configurada com base no perfil dos sujeitos que dela fazem parte, jovens, adultos e idosos de origens populares.

De fato, não há como discordar da opinião desses alunos. A escola deveria ser um espaço que proporcionasse e garantisse a aprendizagem, levando em consideração, principalmente, as necessidades cotidianas, já que a EJA “é uma modalidade de ensino estruturada com ações pedagógicas voltadas para as necessidades da demanda social em educação que por inúmeros e distintos fatores intervenientes, ficaram à margem do processo de escolarização” (SOUZA, AZAMBUJA, PAVÃO, 2012, p. 02). Para essas autoras, as aulas dessa modalidade de ensino ocorrem geralmente, no período da noite, exatamente para atender aos alunos trabalhadores. Por conseguinte, a EJA deve favorecer a compreensão dos vários aspectos da vida, desenvolvendo o pensamento crítico e reflexivo do aluno que a frequenta. A educação de jovens e adultos, como as demais modalidades de ensino, também deve estar comprometida com o ensino que vise à formação de pessoas capazes de enfrentar as diversidades com criatividade e autonomia.

Como reforça Arroyo (2005, p.24), os sujeitos da EJA, mesmo que tenham estacionado o processo de escolarização, não ‘paralisam’ os ‘processos de sua formação mental, ética, identitária, cultural, social e política’. Por isso, um olhar mais positivo se faz preciso, reconhecendo que esses sujeitos, ‘protagonizam trajetórias de humanização’, participam de lutas sociais pela garantia de seus direitos. Para Arroyo (2005, p. 29), a escola deve propiciar a devolução da identidade que lhes foi negada geração após geração.

No entanto, como mostra Santomé (1998), os conteúdos que formam o currículo escolar, com excessiva frequência, apresentam-se (des)contextualizados, distantes do mundo dos alunos. Trabalham-se as disciplinas escolares de forma isolada, não propiciando ao aluno a construção e a compreensão de nexos que lhe permitam a sua estruturação com base na realidade. No atual contexto, atenta à diversidade cultural, a educação de jovens e adultos deveria considerar a *importância das culturas populares*, levando-se em consideração as diferenciações dos seus sujeitos. Como sugerem Montenegro e Pimentel (2008), é preciso

conhecer os sujeitos e suas culturas para entender o seu cotidiano e, assim, promover uma educação baseada na ética da comunicação e do diálogo. Nessa mesma perspectiva, Gadotti já dizia, na década de 1990:

A educação de adultos deve ser sempre uma educação multicultural, uma educação que desenvolve o conhecimento e a integração na diversidade cultural. É uma educação para a compreensão mútua, contra a exclusão por motivos de raça, sexo, cultura ou outras formas de discriminação. A filosofia primeira na qual o educador de jovens e adultos precisa ser formado é a filosofia do diálogo, isto é, uma filosofia pluralista (GADOTTI, 1993, p. 4).

Em última análise, ao respeitar as singularidades do aluno da EJA, tomando-o como sujeito de sua aprendizagem, Freire propunha uma ação educativa que não negasse a cultura do educando, mas, transformasse-a através do diálogo. Na opinião de Dayrell (1996):

O estudante aprende quando, de alguma forma, o conhecimento se torna significativo para ele, ou seja, quando estabelece relações substantivas e não arbitrárias entre o que se aprende e o que já conhece. É um processo de construção de significados, mediado por sua percepção sobre a escola, o professor e sua atuação, por suas expectativas, pelos conhecimentos prévios que já possui. A aprendizagem implica, assim, estabelecer um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem do aluno (DAYRELL, 1996, p. 156).

A propósito, o aluno João (35 anos), em seu depoimento, revelou a importância de a escola reconhecer as reais necessidades de aprendizagem do educando, citando a leitura no seu cotidiano de trabalhador:

*O que a escola ensina tem muito coisa a ver com a minha vida. Igual no meu trabalho, eu preciso saber ler pra pegar uma bebida, um cerveja, uma Coca-Cola. Tem que saber o preço porque senão o patrão pega no pé. A escola está sendo muita coisa pra mim. Sem a escola, ninguém vai pra frente não. Tem que ter pelo menos um pouquinho de **leitura** pra viver nesse mundo (grifo nosso).*

Rosa também, comentou a importância de o trabalho, no espaço escolar, priorizar conteúdos que tenham função social para a vida do estudante. Também, denunciou a perda de tempo, os horários ociosos e sem atividades:

*Eu gosto de tudo nessa escola, gosto dos colegas, da professora, de todos daqui. Posso confessar uma coisa? Só uma coisa que eu não gosto dessa escola. O que me chateia é com o horário de começar a aula. A gente chega 19h, fica enrolando e isso eu perdo a paciência, sou muito ansiosa. Trabalho o dia todo e venho pra escola pra estudar, não pra ficar sentada, **esperando a professora começar a aula**. Não gosto de perda de tempo (Rosa, aluna, 58 anos, grifos nossos).*

A respeito do tempo ocioso assinalado por esse estudante, um episódio chamou-nos a atenção em uma turma. A professora distribuiu uma atividade que seria pintura de objetos (destinada à Educação Infantil) aos alunos presentes de modo que eles não ficassem *sem fazer nada* enquanto esperavam o restante da turma. Alguns estudantes comentaram em tom muito baixo: “*não vou fazer isso, é coisa de criança, eu vim aqui para aprender a ler e a escrever*”, Mas mesmo assim, resolveram a atividade e mostraram a professora que nada explorou. Na verdade, verificamos que se tratava apenas de ocupar o tempo dos alunos enquanto aguardava a chegada dos colegas.

Aliás, é comum, no cotidiano escolar, a preocupação em cumprir os conteúdos curriculares desconectados da vida dos sujeitos que compõem o próprio contexto da escola. Neste sentido, Silva (1995, p.185) assegura:

Há [...] uma distância enorme entre as experiências atualmente proporcionadas pela escola e pelo currículo e as características culturais de um mundo social radicalmente transformado pela emergência de novos movimentos sociais, pela afirmação das identidades culturais subjugadas, pelas lutas contra o patriarcado, pelos conflitos entre poderes imperialistas e resistências pós-coloniais, pelo processo de globalização e pela generalização dos novos meios e técnicas de comunicação. No novo mapa cultural traçado pela emergência de uma multiplicidade de atores sociais e por um ambiente tecnicamente modificado, a educação institucionalizada e o currículo continuam a refletir, anacronicamente, os critérios e os parâmetros de um mundo social que não mais existe (SILVA, 1995, p.185).

Entretanto, ainda que reclame do desperdício de tempo, Rosa afirma que gosta de participar de tudo que a escola propõe, destacando os benefícios a sua saúde:

Estou me dando muito bem mesmo. Tudo que a escola faz eu participo porque gosto. Até a minha saúde está melhorando. O médico me pediu pra fazer caminhada. Eu minto para o médico que eu estou caminhando. No mês de julho eu fiz os exames de ossos – densiometria óssea e ele me disse que esses foram os melhores resultados desde que ele me acompanha há 4 anos atrás. Perguntou-me se eu estou continuando com as atividades físicas, já que houve avanço no meu quadro de saúde, eu disse a ele que no momento estou sem tempo pra fazer caminhada, muita costura pra fazer para manter as despesas da casa. Então me perguntou o que estava fazendo. A única atividade que tenho feito é caminhar para ir até a escola. Já cortei até os remédios que eu tomava toda noite pra dormir, não tomo mais. Então ele disse, se isso está me fazendo bem que eu continuasse a vir para a escola (Rosa, aluna, 58 anos).

Como Rosa, Fernanda também (aluna, 20 anos) reclamou da questão da perda de tempo, como prejuízo a sua aprendizagem. Ainda assim, afirmou que gostava da escola

porque, além de ser um ambiente tranquilo, era uma instituição reconhecida pela comunidade local.

Quando eu fui matricular tinha outra escola de jovens e adultos, mais próxima da minha casa, só que eu ouvi falar que essa era melhor, que a educação era mais adiantada, aí eu arrisquei pra ver se eu conseguia uma vaga nessa escola. Eu até cheguei a pensar, não vou achar vaga porque dizem que o povo corre muito pra conseguir uma vaga. Fiquei com medo de chegar e não achar mais vaga. Aí eu vim e achei vaga e me matriculei aqui. Eu gosto muito de ficar dentro da sala lendo. Gosto dessa escola porque o ambiente aqui é tranquilo, sossegado, não tem bagunça, não fica muito longe da minha casa, não tem problema para eu voltar para casa sozinha, a rua é iluminada (Fernanda, aluna, 20 anos).

Fernanda também descreveu algumas atitudes de que não gostava na escola, mas relacionadas à professora e não à instituição. Vale ressaltar que a estudante reclamou apenas da maneira como a professora ensinava, mas destacou as qualidades dela como pessoa.

O que eu não gosto, não é a escola, é a professora mesmo, porque ela chega e fica conversando com as outras pessoas, ao invés de está começando o assunto entendeu? Ela começa o assunto e fica até o final da aula com o mesmo assunto, e tipo assim, como eu sou um pouco mais rápida que os outros, eu termino, fico ali olhando eles conversarem. Alguém começa a contar um caso que aconteceu em Guanambi, ela entra no assunto e fica a noite toda, esquece o assunto que ia explicar. Isso me irrita, porque eu estou tentando saber mais e ela fica no mesmo assunto e, além disso, ela falta muito. Eu queria que ela fosse mais atenciosa, só isso, mas ela é uma pessoa muito boa. Como pessoa, é maravilhosa, mas como professora deixa a desejar, não ensina a gente direito (grifos nossos).

Ainda que muitos estudantes, sujeitos desta pesquisa, enxerguem questões relacionadas a metodologias do professor e à perda de tempo, reconheciam a escola como espaço de aprendizagem que proporcionava boas relações interpessoais, oportunidade para progressão no trabalho. Vimos que a escola favorece aos estudantes segurança e tranquilidade. O relato abaixo revela a importância das relações interpessoais, nos espaços escolares e a presença do aluno nesses lugares:

Eu gosto muito desta escola. O que eu mais gosto dela são as professoras e alguns alunos. Têm uns meio encrenqueiros, eu fico na minha, não dou muita ousadia, eles fazem resenha de mim. Aqui tem tudo, tem brincadeiras, tem ensaios, quadrilha, tem São João, eu gosto disso. Moro no bairro Beija Flor, lá no meu bairro tem uma escola que fica perto da casa da minha vó, eu não estudo lá porque dizem que os alunos são muito bagunceiros, rolam brigas lá eu não gosto disso. E essa escola é tranquila. Eu não tenho medo de vir pra cá porque ao voltar pra casa, na entrada do meu bairro sempre fica uma viatura da polícia militar. Nunca aconteceu nada comigo, graças a Deus. (João, aluno, 35 anos, grifos nossos).

No mesmo depoimento, o estudante apontou os benefícios que a escola trazia para a sua vida, principalmente, na realização de sonhos voltados para o mercado de trabalho. Para ele, esse espaço proporcionava, além do ensino, o esporte e a diversão:

Neste ano, a escola está oferecendo o curso de computação. Eu mesmo tinha o maior sonho de fazê-lo, mas não tinha condições de pagá-lo, porque é muito caro e lá onde eu trabalho tem computador, mas o patrão não deixa eu usar, penso que aprendendo, quem sabe um dia ele me promova da área de churrascaria para o caixa. Ganha melhor e não pega quentura. Além de cursos que a escola faz de graça, até o ano passado, a gente jogava bola na quadra, não sei por que este ano acabou o futebol no noturno, era muito bom. As festas juninas na escola eram muito boas. A quadrilha então, era animada e bonita. Eu já participei, já dancei umas três vezes. Na última quadrilha (ano passado) fui até o noivo, foi linda demais, uma festona. As professoras ensaiavam com a gente aqui no pátio e no dia da festa apresentávamos na quadra, muita gente assistia (João, aluno, 35 anos).

Como já dito, embora alguns estudantes tenham assinalado situações-problema vivenciadas na escola, como ociosidade, infantilidade no ensino da EJA, distanciamento entre a cultura popular do educando e a cultura escolar, entre outras, eles mencionaram aspectos relevantes que contemplam seus gostos, desejos e necessidades proporcionados pela instituição. Em especial, apontaram o espaço escolar, como lugar para diversão, enfatizando a dança como elemento de distração. Nesse sentido, a aluna Ana (71 anos) revelou que gostava da escola como um todo ao dizer: “gosto de tudo nesta escola, todas as pessoas daqui são boas para mim (os alunos, as professoras, as merendeiras). Gosto muito de estudar, e quando tem uma dançazinha pra gente dançar, eu adoro, distrai a gente, é bom demais”.

Aliás, os momentos festivos realizados pela escola como os festejos juninos, a festa da EJA de encerramento do ano letivo, entre outros foram muito enfatizados por essa aluna. São palavras dela: “A escola faz também uma festa muito bonita e animada que é só da EJA. A gente vai apresentar no palco pra todo mundo, é uma alegria total e o povo nos aplaude”. Mais adiante, ressaltou:

Esta escola sempre faz o aniversário dos alunos que completam ano na sala que eu estudo. Inclusive foi feito o meu aniversário, completei meus 71 anos, foi uma festa linda. Todo mundo da escola participou, porque sou amiga de todos, até meus filhos, noras, netos e amigas do Centro do Idoso vieram pra minha festa. Fiquei muito satisfeita. Eu ainda me considero jovem, pois tem muitos jovens por aí, inclusive na escola que não querem nada com a vida, nem perspectiva de viver tem, por isso que a maioria das mortes é de jovens que entram no mundo das drogas, na violência, na bebedeira, na bagunça (Ana, aluna, 71 anos).

Entendemos que o processo de socialização e interação do sujeito da EJA é contínuo e construtivo. Nos espaços escolares, essas relações são importantes para a permanência ali da sua clientela. Ao referenciar ao papel da escola em suas vidas, os estudantes reforçaram que, além da aprendizagem dos conteúdos curriculares, estabeleciam relações com colegas e isso fortalecia o campo da EJA. Nesse sentido, Lucíova (aluna, 67 anos), assim como Ana (aluna, 71 anos) revelou:

Eu gosto de todo mundo daqui, das professoras, dos colegas, das meninas da cozinha e da limpeza. Nunca achei que falar nada daqui. O que está ensinando aqui me ajuda muito no meu dia a dia lá em casa. Tem dia que fico sozinha, sem graça com os problemas da vida, aí me lembro de algo ensinado na escola e me distraio de certas coisas ruins que penso. A escola distrai muito a gente. Tem hora mesmo que eu estou sozinha em casa, porque eu moro com o meu marido e o menino, ele vem cedo, chega meio dia e sai pra trabalhar de novo, chega às 5 horas e já é hora de nós arrumarmos pra vir à noite.

Nessa mesma direção, Patrícia frisou que, também, gostava da escola e de todos que dela faziam parte, destacando as relações interpessoais e os momentos festivos, e explicou:

Já fui aluna de todas as professoras dessa escola, sou amiga de todo mundo aqui. Outra coisa que gosto muito nesta escola são as festas que acontecem aqui (mães, natal, São João), participo de todas elas. Além dessas festas na escola também acontece a festa da EJA lá no Centro de Cultura com muita gente, juntam os alunos dessa escola com outras escolas. (Patrícia, aluna, 54 anos).

Já Joana enfatizou: “gosto dos alunos, gosto da professora. Os meninos mais novos zoam muito, mas isso não me incomoda, não ligo e nem dou ousadia no que eles dizem. Sento na frente e tento prestar atenção nas aulas da professora”. E sobre as festas realizadas na escola, disse: “gosto muito de participar dessas atividades, é um divertimento” (Joana, aluna, 59 anos). Para esta aluna,

O que eu mais gosto da escola é estudar matemática, o que não entra na minha ideia é português. A matemática eu consigo aprender, entra na minha cabeça, mas o português não tem jeito, eu já fiz de tudo e não aprendo, não entra na cabeça. Outro problema que me atrapalha na escola é o problema de vista, os meus óculos estão vencidos e não consegui marcar o exame. Vou tentar marcar no postinho, tenho que levantar bem cedo amanhã pra tentar agendamento. Se eu não conseguir vou ter que fazer pago, porque as minhas vistas estão doendo demais, eu não estou aguentando, até a minha cabeça está doendo.

Por outro lado, com relação às disciplinas do curso, essa estudante destacou que tinha afinidade com a matemática dada a relação estabelecida com o trabalho. Ela fazia salgados

para vender, assim, a aprendizagem da matemática representava significação social para a sua vida. Outro problema apontado por essa aluna no relato acima, relaciona-se com a visão, enxergando mal. Para os gestores da *Flor do Sertão*, esse era um dos aspectos que contribuíam para o alto índice de evasão nessa modalidade de ensino.

Por fim, os dados fornecidos pelos alunos acerca da avaliação da escola em especial, por Chagas (aluna, 56 anos), permitem-nos afirmar que eles a consideravam um espaço de boa convivência, como enfatizou Chagas, “*me sinto muito bem porque a gente quando está aqui é tão bacana, a gente conversa e as pessoas nos escutam. Eu acho bom. Gosto também das professoras, gosto de tudo mundo*”. Ela apenas ressalva: “*Se não fosse o barulho dos meninos, melhor seria, eles fazem muito barulho e a gente fica perdido. Se tivesse uma turma dos mais velhos e outra dos mais novos, os mais velhos aprenderiam melhor, pois os mais novos sabem mais, estão com a cabeça melhor, não tem preocupações*”.

Está claro, pois, que os estudantes da *Flor do Sertão* encontram nela, além de um espaço de aprendizagem de conteúdos, momentos de encontro, diversão, entretenimento, estabelecimento de novas relações pessoais, elementos esses de fundamental importância para os espaços educativos. Nesse sentido, mais uma vez concordamos com Freire (1996) ao assinalar que a escola é um local de troca de saberes e afetividade, daí, a necessidade do diálogo e reflexão entre os sujeitos que ocupam esse espaço.

Em resumo, a análise da *Noite Cultural* evidenciou que a escola, embora não tenha estabelecido uma relação mais profícua entre a cultura escolar e a dos educandos provindos dos meios populares, propiciou o diálogo e o bom relacionamento entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Isso foi valorizado e ressaltado por todos eles. A esse respeito, sugere Freire (1979, p. 21):

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, [...] adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história...

Por tudo isso a escola representa, para esses estudantes, diferentes perspectivas, espaço de sociabilização e diversão, de inserção e/ou aprimoramento para o mercado de trabalho e de construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com Arroyo (2006), ao atestar que é importante “acertar com projetos que deem conta de sua realidade e de sua condição. Sabemos muito pouco sobre a construção

dessa juventude, desses jovens e adultos populares, com trajetórias humanas cada vez mais precarizadas” (p.24).

Além do mais, não podemos esquecer que a escola para as classes populares, representa mudança de vida, como revela Fernanda, aluna da *Flor do Sertão*:

Eu acho que a escola vai mudar a minha vida, se eu deixar de aprender agora pode ser muito tarde lá na frente. E como eu tenho muita vontade de estudar, passar de ano, formar. Formar é o meu maior sonho. E depois procurar um emprego bom, porque hoje eu sou babá, trabalho o dia todo e ganho menos da terça parte do salário mínimo (aluna, 20 anos).

Esse depoimento revela o que, Oliveira, Marta (1999) já dizia há quase 15 anos: o educando da EJA “[...] geralmente tem uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente [...]” (p. 59). Nessa mesma direção, Arroyo (2007), aponta que a vida desses sujeitos é marcada pela instabilidade do trabalho.

Os participantes da pesquisa consideram a escola um lugar de construção de conhecimento (aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática), de oportunidade de inserção no mercado de trabalho, de encontro e convivência com os pares e demais componentes da instituição, de construção de boas relações interpessoais, além de proporcionar-lhes diversão e prazer, principalmente, nos momentos festivos organizados por ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel . Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 2006, 2007.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Persona, 1977.

BASTOS, Ludimila Corrêa; EITERER, Carmem Lucia. Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA. In: EITERER, Carmem Lucia; Campus Rogério Cunha (org.). **Sujeitos sociais, processos educativos e enfrentamentos da exclusão**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

DAYRELL, Juarez. (Org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993, 2001.

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, Moacir. **Estado e Educação Popular: políticas de educação de jovens e adultos**. Paixão de Aprender: escola, conhecimento e cidadania. Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, out. 1993, n. 5.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

JEZINE, Edineide. **Universidade e saber popular: o sonho possível**. João Pessoa:

UFPB/PPGE/Editora Universitária, 2003.

MONTENEGRO, Zilda Mara Coelho; PIMENTEL, Edna FuruKawa. Cultura, educação popular e educação de jovens e adultos: perspectivas atuais. In: NUNES, Claudio Pinto; SANTOS, José Jackson Reis dos; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro (orgs.). **Itinerários de Pesquisa: políticas públicas, gestão e práxis educacionais**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, n. 12, 1999. PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos: questões atuais em cenário de mudanças**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2004.

PAIVA, Jane; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy (orgs.). **Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea, 1996-2004**. Brasília: UNESCO, MEC, 2007.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1998.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. **A inserção dos egressos da educação popular na escola pública: tensão entre regulação e emancipação**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os novos mapas culturais e o lugar o currículo numa paisagem pós-moderna. In: TOMAZ, Tadeu da Silva; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.). **Territórios contestados: o currículo e novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SOUZA, Carmen Rosane Segatto e; AZAMBUJA, Guacira de; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira. Rejuvenescimento da educação de jovens e adultos- EJA: práticas de inclusão ou exclusão? In: **Revista Ibero-americana de Educação**, n.º 59/2. Santa Maria/ RS, 2012. Disponível em <http://www.rieoei.org/deloslectores/5391Pavao.pdf>. Acesso em 08 de fevereiro de 2013.